

Descoberta, dor e superação

» JOÃO ALMEIDA E SILVA

Professor de história, ex-presidente da Associação dos Moradores da Vila Telebrásilia

Descobrir-se negro num mundo racista é uma dor e tanto, você entende? Ainda mais quando quem o descobre é uma criança de nove anos. Pior ainda quando nesse menino foi inculcida a ideia que pertencida a uma paleta de cores que, se não lhe assegurava o status de branco, pelo menos lhe assegurava certa proximidade à tal da morenidade, seja lá o que isso for, desde que sirva para fugir do carimbo de negro, este um mal a ser evitado.

Filho de mãe branca e pai negro, primos, ambos filhos de pais brancos, de olhos azuis, minha avó materna de quem tenho poucas lembranças era branca. De minha avó paterna, negra, com quem convivi intensamente desde a primeira infância até a adolescência, as lembranças são abundantes, fortes e reconfortantes. Esta teve 10 filhos, entre estes duas gêmeas, uma branca e uma negra, assim vivi os primeiros anos da minha vida num ambiente que contava com uma diversidade de cor de pele, bem interessante e aparentemente harmonioso, só aparentemente, pois para começar ninguém se considerava negro, no máximo aceitava-se um tímido “moreno”. Negros eram os “outros”, e eram os outros mesmo, de modo que meu pai que adorava contar histórias e casos bem interessantes, tinha também no seu repertório causos e piadas racistas, que eram contadas com tanta naturalidade e bom humor ao ponto de jamais imaginar-me como passageiro desse navio negreiro. Ou seja, a negação da própria negritude era um instrumento de autoafirmação, de elevação da autoestima, de sentir-se superior. Na verdade, um castelo de areia que não demoraria muito para desabar sobre a cabeça de uma criança, provocando rachaduras e abalo imensurável em sua autoestima.

Era uma tarde ensolarada. Brincava feliz com outras crianças, entre elas, um primo de pele branca, hospedado em minha casa. Corríamos atrás uns dos outros, de forma livre e desordenada. De repente ouço um “vem cá menino”. Solícito, paro para ver o que aquele adulto queria. Era o motorista e proprietário da Rural contratada pela minha tia para transportá-la juntamente com meu primo de Santa Inês a Imperatriz, no Maranhão, e após alguns dias fazer o caminho de volta, todos, portanto, tia, primo e motorista estavam hospedados na modesta casa dos meus pais. O moço loiro disparou com um ar de desprezo: “Não estou falando contigo, não, negrinho”. Essas palavras me atingiram como bala perdida. Não podia crer que eram dirigidas a mim. Fiquei zozno,



parado, completamente sem ação, e um novo disparo: “Vai negrinho”. Continuei inocente, crendo tratar-se de um equívoco, só que me senti caindo em câmera lenta num abismo. Daí pra frente não lembro de mais nada, nem da brincadeira e nem se tive forças nas pernas para sair dali, só sei que os disparos provocaram um murchamento em mim, uma ferida escondida, que tantas vezes voltava a sangrar em silêncio, nas encenações do 13 de maio na escola, onde figurava como escravo e nos tantos “negrinhos” que passei a ouvir, sempre zozno.

A zonzeira teve cura. No lugar da ferida, a sangrar em silêncio, brotou um ruído orgânico (autoconfiança) de quem foi aprendendo a transformar sua fraqueza em força vital. Pensar sobre essa mudança é reconhecer logo o papel das lutas sociais, antirracistas, que para além da busca e conquistas de pautas específicas exerce um poder libertador explosivo, capaz de nos tirar do abismo, recobrando forças no corpo e na mente, elevando a autoestima e nos possibilitando entender a dinâmica do sistema que se alimenta da opressão, exploração e

desumanização de homens, mulheres e crianças e que só será superado pela ação da classe trabalhadora, consciente de seu papel na articulação das lutas de classe, raça e gênero. Nesse sentido, são inúmeras as conquistas dos diversos movimentos sociais.

Orgulhamo-nos do engajamento no vitorioso movimento pela fixação dos moradores da Vila Telebrásilia, que bem soube construir alianças com os diversos movimentos sociais (sindical, dos negros, das mulheres, dos sem terra, de moradia e direitos humanos) para enfrentar a discriminação de setores elitistas, da especulação imobiliária, disfarçados de preservacionistas do Plano Piloto. Buscamos assegurar aos pioneiros, filhos e netos, o direito de morar, o direito à cidade. Vale destacar que a maioria de suas lideranças era formada de homens e mulheres negras, contrariando a falácia do comodismo, que muitas vezes lhes é atribuído. Diante de oportunidade concreta, soube bem protagonizar suas lutas e construir sua história. Não por acaso na entrada da Vila uma placa avisa: “Aqui tem História”.

(Des)Coordenação entre as políticas fiscal e monetária

» BENITO SALOMÃO

Doutor em economia pelo PPGE/UFU, é economista chefe da Gladius Research

Mês após mês, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) torna público o dado do IPCA indicando inflação persistente acima dos dois dígitos. O Banco Central (BC), por sua vez, tem feito seu trabalho e empreendido uma voraz contração monetária. Ao todo, os juros nominais partiram de 2% ao ano em março de 2021 e chegaram ao atual patamar de 12,75%. Embora em comunicados recentes o BC tenha sinalizado uma próxima alta de 50 pontos base, encerrando o ciclo de alta dos juros em 13,25%, aqui na Gladius acreditamos que o aperto monetário possa ir além disso. Nossa projeção é de Selic a 14,25% no final de 2022.

Alguns fatores nos levam a crer em juros mais altos neste ano. Primeiramente, os núcleos da inflação obtidos a partir da filtragem de choques temporários, apontam uma tendência contínua de alta desde o início de 2021. Isso significa que as elevações de preços têm sido generalizadas e que, portanto, a inflação deverá persistir ainda por um período mais longo do que o BC tem considerado. No momento em que este artigo está sendo escrito, não temos o Boletim Focus informando sobre as expectativas de inflação. Porém, é possível acreditar que, diante dos dados em curso, as expectativas para 2023 estejam desancorando. Esse seria um segundo motivo para acreditar em juros mais altos.

Em modelos macroeconômicos guiados pela hipótese das expectativas racionais, isso significa um prenúncio de inflação maior. Pois, ao prevenir inflação maior no futuro, firmas antecipam defensivamente reajustes

de preços no presente. Sozinho na missão de controlar a inflação, o BC empreende o maior ciclo de contração monetária desde o regime de metas instituído em 1999. Duas questões preocupam: 1) a ineficácia da política monetária em desacelerar a trajetória da inflação, que tem persistido por longo período; 2) a inflação esteja apresentando tal comportamento, mesmo diante do elevado desemprego e do PIB que deve crescer entre 0% e 1% em 2022.

Em 1968, Milton Friedman ensinou que a política monetária é um instrumento eficiente para manter a inflação estável. Em 1981, Thomas Sargent e Neil Wallace argumentaram que a política monetária, embora eficiente, pode não ser suficiente para estabilizar a inflação. Os autores alegam que existem dois tipos de coordenação macroeconômica: no primeiro caso, quando há dominância monetária, o BC é capaz de limitar a quantidade de títulos e moeda que está disposto a ofertar para financiar déficits públicos.

Nesse caso, as receitas de senhoriação da moeda da política fiscal são limitadas. Se o regime de coordenação indica dominância monetária, Sargent e Wallace concordam com Friedman acerca da eficácia da política monetária como instrumento anti-inflacionário. Já no segundo caso, conhecido como dominância fiscal, o Tesouro é livre para escolher a magnitude do seu déficit e cabe ao BC financiá-lo por vias da emissão de títulos e moeda (senhoriagem), af a autoridade monetária perde o controle sobre os preços.

Em modelos macroeconômicos baseados em quatro equações, a moeda é omitida.

A ausência de moeda produz um tipo específico de dominância fiscal, aquela caracterizada por inflação persistente coexistindo com taxas de juros excessivamente altas. O BC não tem dificuldade para ofertar seus títulos, porém os juros exigidos pelo mercado são cada vez maiores. Isso pode ser visto, no Brasil, nos movimentos da taxa implícita de juros, cuja alta começou antes e foi mais intensa do que a própria Selic. Esse descolamento entre a Selic e a taxa implícita de juros pode estar antecipando uma alta maior da Selic do que o mercado e o próprio BC têm previsto até aqui.

Em outras palavras, as falhas de coordenação entre as políticas fiscal e monetária têm produzido no Brasil um equilíbrio macroeconômico indesejável. O país ostenta hoje taxas de juros e inflação acima dos dois dígitos. Não há nenhum sinal de reversão desse cenário a curto prazo. O BC tem colocado a política monetária no terreno contracionista, porém o Ministério da Economia, em conluio com o Congresso Nacional, tem aproveitado o ciclo positivo de receitas para distribuir dinheiro de helicóptero em ano eleitoral. Para além dos choques de oferta sobre preços de energia, há uma má calibragem da política fiscal, motivada pela eleição, que pode ser perigosamente inflacionária.

O Brasil pode mergulhar em um regime de dominância fiscal cuja inflação só vai ceder e voltar ao centro da meta quando houver melhor coordenação entre as políticas fiscal e monetária. A partir de 2023 o país precisará reconstruir uma âncora fiscal visando à estabilidade de preços.

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

Programas sociais

Transformado pela astúcia política de programa de transferência de renda para o combate à pobreza e à desigualdade em mecanismos claramente eleitoreiros e personalistas, o Bolsa Família, criado em 2003, e o atual Auxílio Brasil, tornado permanente este ano, carecem de estratégias para que esses projetos sejam porta de saída da pobreza e um meio capaz de permitir a plena emancipação do cidadão e de sua família em relação à classe política. Pelo contrário, tanto um programa quanto o outro representam ainda uma amarra e um verdadeiro cabresto, imposto à parcela mais pobre da população, confinando-a dentro de um curral eleitoral moderno.

Em um país em que a pobreza sempre foi explorada de forma vil e interesseira, qualquer projeto social e econômico que poderia, em tese, servir para a redenção e para o crescimento nos Índices de Desenvolvimento Humano, acaba apropriado, de modo astuto por prefeitos, governadores, além do próprio presidente da República, dentro de uma estratégia traçada pelos especialistas de marketing de soerguimento político e de perpetuação no poder.

Mesmo que transformados em programas do Estado, ainda assim, esses projetos respondem muito mais aos interesses da classe política do que ao público-alvo. A mudança de paradigma nos programas sociais e que teve na figura da então primeira-dama Ruth Cardoso, sua principal artífice, foi capaz de transformar, num curto período de tempo, o que era assistencialismo e populismo em verdadeiro experimento rumo à cidadania plena. Também pudera, ela não tinha ambições políticas ou eleitorais, sendo o seu programa, intitulado Comunidade Solidária, um plano genuinamente bem elaborado, por uma equipe altamente gabaritada, formada por técnicos e estudiosos dos problemas inerentes à desigualdade, muitos deles professores oriundos da Faculdade de Sociologia da Universidade de São Paulo. “Combater a pobreza não é transformar pessoas e comunidades em beneficiários passivos de programas sociais. Toda pessoa tem habilidades e dons. Toda comunidade tem recursos e ativos. Combater a pobreza é fortalecer capacidades e potencializar recursos”, defendia Ruth Cardoso.

Havia, naqueles anos, real interesse no problema da exclusão social e total desinteresse político ou partidário na implementação desse programa. Daí o seu êxito. Não surpreende que o Comunidade Solidária tenha rendido tantos frutos de qualidade, como o Bolsa Escola, o Cartão do Cidadão e outros, todos eles voltados para os aspectos da cidadania plena e longe dos antigos programas clientelistas, doados pelos políticos por uma das mãos e arrancado por outra.

» A frase que foi pronunciada

“Acredito que o melhor programa social seja um emprego.”

Ronald Reagan

Empreendedorismo

» Antônio Filho, que começou os negócios do zero nesta cidade, precisa verificar a unidade do Lago Norte. O princípio do empresário é que cada empregado aja como se fosse o dono do empreendimento. Leitor reclama de ter encomendado a entrega de leite em pó para a filhinha às 17h e, às 20h, não havia recebido nada. Quando alguém foi ao local buscar o leite, ninguém sabia da encomenda. Uma lástima.

Lé com lé

» Depois do caso da UnB, onde uma jovem foi fotografada dentro do box do banheiro por um estranho, seria bom que os deputados distritais discutissem a permissão de banheiros comuns para homens e mulheres.

Ideia genial

» A Agência Câmara noticiou que, com relatoria do deputado federal Chistino Aureo, a Comissão de Agricultura da Câmara aprovou projeto que prevê o destino de área para hortas comunitárias em programas habitacionais financiados pela União. Há uma emenda no projeto determinando que um agrônomo ateste a viabilidade da reserva. Na Asa Norte, foi uma luta do Dib Francis para que o síndico admitisse uma horta comunitária.

Segredo

» Pré-estreia do filme *Amigo Secreto*, de Maria Augusta Ramos, na próxima quarta-feira, no Cine Brasília.

Em julho

» Uma novidade na Capital Moto Week, evento que acontecerá, no próximo mês, na Granja do Torto. Os organizadores vão trabalhar em conjunto com a ONG Neutralize Carbono em busca do selo Lixo Zero, encaminhando corretamente os resíduos para o destino certo.

» História de Brasília

Com o Carnaval, muita gente está saindo de Brasília. Passeio às custas dos ministérios, que estão dando passagens pagas pelo governo a torto e a direito. Se o dr. Hermes Lima quiser saber, mande fazer um levantamento das contas correntes dos ministérios junto às empresas de aviação. (Publicada em 11/3/1962)